

## 1. Introdução

André Paste tinha 17 anos quando uma reportagem do jornal Folha de São Paulo cravou algo que a internet já suspeitava: “é o príncipe do ‘copia e cola’ no Brasil”<sup>1</sup>, incluindo o seu nome numa lista de apostas da chamada Geração 91, que no ano da publicação daquela matéria (2009) estaria chegando aos 18 anos. André estava ao lado de inúmeros outros jovens que eram relevantes em determinadas áreas da sociedade, como um outro adolescente que inventou um protetor solar 50% mais barato do que os vendidos normalmente e uma menina que chamava atenção pela qualidade das suas atuações em dois filmes. O jovem mineiro de Patrocínio e morador de Vitória, Espírito Santo, estava ali elencado por fazer um tipo de inusitado de música. Titulado na reportagem como *O Músico*, André era um compositor de mashup, estilo que mistura duas (ou mais) músicas de diferentes artistas para produzir uma nova canção a partir dessa junção. A presença de André Paste como *o príncipe do copia e cola no Brasil* é sintomático de um momento pelo qual as artes (principalmente a música) estavam passando naqueles últimos anos, sendo possível, portanto, alguém que *copia e cola* músicas dos outros se tornar relevante na indústria cultural.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como, principalmente a partir do início do século XXI, a democratização dos meios de comunicação – acesso à internet e softwares – alterou significativamente a relação entre ouvinte e produtor, trazendo para o protagonismo da cena aqueles que, anteriormente, estavam fadados a apenas consumir determinados bens culturais. A realização desta pesquisa parte de uma provocação que busca entender o universo do mashup, manifestação artística que serve para exemplificar as novas formas de relação no campo da música.

Muitos são os desafios quando se propõe uma pesquisa de um tema que ainda é tão recente. O conceito de mashup é relativamente novo, dos primeiros anos da década de 2000, quando, a partir de movimentos que ocorreram no Reino Unido e quase ao mesmo tempo nos Estados Unidos, uma geração de ouvintes e DJs, munidos de arquivos digitais passou a juntar diversas músicas em uma só. Esse movimento de copiar digitalmente um arquivo de áudio e colar junto de

---

<sup>1</sup> GERAÇÃO 91. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 de junho de 2009, Folhateen.

outras músicas no computador, com o mínimo possível de edição das faixas utilizadas, aponta para uma maior liberdade de criação a partir da composição de outros artistas e coloca novamente na frente do debate o conceito do *remix* e seus desdobramentos, que acabaram sendo atualizados pelas novas gerações.

Entre os desafios de se trabalhar com um tema que ainda está em plena construção encontra-se o recorte do tempo em que se inicia. Conceitualmente, um marco inaugural para o estudo foi o *Invasores de Corpos – Manifesto Sampler*. Escrito por Frederico Coelho e Mauro Gaspar, o manifesto foi publicado em formato texto em 2007 no Jornal Plástico Bolha, produzido por alunos de graduação em Letras da PUC-Rio. Porém, a pesquisa é anterior, quando a dupla apresentou performance *Invasores de corpos: fotogramas da escrita sampler*, em 2005, no I Fórum de Pesquisas da Cátedra Padre Antonio Vieira (PUC-Rio). Tanto a participação no Fórum quanto o texto publicado no Plástico Bolha demonstram o alto grau de engajamento do tipo de pensamento que circula por este campus. No artigo, Coelho e Gaspar afirmam que “é preciso ser sempre mais que um para falar, é preciso que haja várias vozes” e que a escrita *sampler* acumula por relações de afeto, experimentando a soma. “Quem trabalha com a escrita *sampler* não é aquele que não tem o que dizer, é aquele que tem coisas demais a dizer, tem vozes demais falando dentro de si, e as expressa musicalmente, como um fluxo, como um processador de linguagens e sensações” (2007, p.5). É a partir deste ponto de análise que partimos esta pesquisa, reafirmando que a utilização de recortes (recontextualizado aqui como o *copia e cola* e também o *ctrl c + ctrl v* da internet) é a linguagem de uma nova geração que já nasce dentro de meios de produção de arte e comunicação altamente democratizados e acessíveis.

Um outro desafio durante a condução da pesquisa é que por conta da rapidez com que as informações circulam na internet, principal ambiente de divulgação e produção dos mashup, muitos dos materiais que são criados pelos DJs de mashup são difíceis de serem encontrados. Em inúmeros casos, os próprios produtores apagam os arquivos que estavam disponibilizados em páginas na internet. Em outras situações é a indústria fonográfica que se encarrega de pedir aos administradores de diversos sites a retirada imediata de arquivos que as gravadoras julgam conter criações que são de suas propriedades. Portanto, por diversas razões, alguns dos exemplos contidos nesta pesquisa existem apenas na

palavra escrita e na memória de DJs e ouvintes, já que seus áudios não estão mais disponíveis publicamente.

Cientes desses caminhos, no primeiro capítulo, apresentamos o que acreditamos ser um marco para uma nova geração, que é o surgimento dos programas de compartilhamento de arquivos digitais, em especial os de música. Temos o Napster como bandeira. Criado por jovens que já não se identificavam com uma indústria fonográfica conservadora, o programa facilitou a circulação de música entre os usuários, gerando uma rede de troca de informação. A partir deste ponto, as composições passaram a ser fragmentadas e uma geração passou a entender que os meios digitais já se faziam cotidiano. Apresentamos, assim, o modo como o Napster e outros programas de compartilhamento de arquivos alteraram o comportamento do usuário em relação à música.

No segundo capítulo, buscamos mostrar como se dá o surgimento dos mashups e suas principais características e marcos até o momento, mas sem buscar descrever sua genealogia, já que, por ainda ser um organismo vivo, o mashup e toda essa cena estão em constante alteração e construção. Um mesmo arquivo que hoje está online, poderá já não existir mais amanhã. O que há algumas horas era uma tendência de comportamento, já não é daqui a alguns dias. Um programa que hoje é referência para muitos, amanhã pode ser rapidamente substituído. Nesse capítulo também debatemos algumas questões conceituais em relação ao mashup, fazendo-o dialogar com o universo teórico, principalmente a partir do acesso a softwares de edição por parte dos usuários, já que as interfaces dos programas ficaram mais intuitivas e acessíveis a uma camada para além dos profissionais.

E é pensando nessas características que chegamos ao terceiro capítulo, quando apresentamos as criações artísticas de quatro DJs de mashup que dialogam do Brasil com o mundo. Ao exemplificar criações de André Paste, João Brasil, Faroff e Lúcio K, entendemos que tanto suas histórias de vida e criações interagem com o momento analisado, já que acreditamos que não há mais dicotomia entre o ser-cidadão do ser-ouvinte e do ser-artista. O ouvinte é o produtor. Todos esses *Eus*, como num mashup, estão misturados e fazem parte de uma mesma figura. Analisar a produção é essencial para se entender o momento em que estamos inseridos e como se dá na prática essa manifestação. Para ilustrar

algumas das criações citadas ao longo desta pesquisa, também disponibilizamos em anexo um DVD com os materiais que conseguimos colher.

Desse modo, partimos do ponto de que o objeto de estudo desta pesquisa ainda está em constante construção. Entendemos que as mudanças em relação ao modo como ele é enxergado e também no íntimo do próprio objeto são característicos também do próprio processo de análise e de escrita. Buscamos aproximar a própria pesquisa do fazer mashup.

Explicar a produção deste texto é, de algum modo, também fazer dele um objeto que dialoga com o mashup. Para a construção do texto, do mesmo modo que os DJs de mashup organizam suas fontes e criam arquivos com trechos de canções, mapeamos autores que dialogassem com a temática, separando trechos de suas produções em um grande arquivo documental. Enquanto alguns DJs separam suas MP3s por temas, tons, ordem alfabética ou outras sortes de classificação, optamos pela separação temática, buscando unir os autores pela proximidade de pensamento. Se os mashups de áudio também comumente dialogam com outras linguagens, como o vídeo, também recorreremos a eles, investigando documentários, entrevistas pessoais e até depoimentos para canais do Youtube. A produção acadêmica sobre o mashup ainda é inicial e poucas são as fontes que se dedicam a isso. Portanto, colhemos informações dos mais diferentes meios, como os já citados, e também reportagens de jornais e revistas, escritas de blog e artigos espalhados pela internet, sendo uma boa parte proveniente de países europeus e também dos Estados Unidos, além de termos organizado, no final de 2014, em Vitória, Espírito Santo, o seminário *A Multidão no Meu Quarto*, que debateu os conceitos uma produção que dialoga com esses novos tipos de fazer.

Embora tudo nos interessasse, após colher as informações precisávamos editar os materiais que tínhamos. Por sua particularidade de dialogar com diversas áreas, o mashup é transversal em diversas questões do cotidiano, como quando encosta no debate em relação ao direito autoral envolvendo as músicas utilizadas pelos DJs. Ainda que passemos em algum momento por esse tema, ele não é um dos nossos focos, bem como a questão sobre a voz do autor nessas composições.

É, portanto, a partir da combinação desses materiais de fontes e especificidades tão diversas que criamos a narrativa desta pesquisa, nos inspirando também pelo pensamento de Florencia Garramuño, quando ela aponta

que “na aposta no entrecruzamento de meios e na interdisciplinaridade, é possível observar uma saída da especificidade do meio, do próprio, da propriedade, do enquanto tal de cada uma das disciplinas, uma expansão das linguagens artísticas que desborda os muros e barreiras de contenção” (2014, p. 15).

Na forma como o texto se apresenta, assim como os mashups fazem dialogar universos distintos, optamos por mesclar tipos de escritas, com linguagens que se entrecruzam, quando optamos, por exemplo, em não fazer subtítulos/subtópicos nos capítulos ou quando, no terceiro capítulo, escolhemos não adotar citações com mais de três linhas. O desejo era criar uma fluidez tanto de leitura quanto visual. Como ao criar uma composição musical, nos sentimos livres para recorrer o tempo todo a citações e a autores já utilizados em outros momentos do textos, recombinação citações e percepções. O retorno a algumas ideias é fato, como um DJ a utilizar um trecho e a retornar a ele novamente em inúmeras passagens.

Assim como os mashups, escrever é selecionar, é editar, é ler/ouvir, juntar, separa, usar ou não. E acreditamos que o mashup e o remix são manifestações características dessa geração do início do século XXI, com seu comportamento indo para além do uso na música ou na internet. Ele abraça o cotidiano no outdoor que cobre parte da lateral de um prédio, nos programas de celulares que misturam fontes e linguagens e também quando nossos pensamentos embaralham e organizam conceitos, fazendo criar dentro de cada um de nós novas ideias, produtos e sentidos.